

SINIE QU A-NOIN

maio 24

mês #122

VOCE NÃO

TEM ESSE

FANZINE

ainda!!

onze!

is ih3 G i13V

oo

●

~

~

x

~

o

~

o

●

A História da Avó

Antes de tudo, o texto a seguir não é meu, o autor é desconhecido, e apesar de ser uma das versões mais antigas de Chapéuzinho Vermelho, não é um texto fofo ou para crianças - não para as crianças de hoje ao menos :P

Quem leu **Sandman**, vai se lembrar do personagem Gilbert (a.k.a. Fiddler's Green) falando dessa versão n'A Casa de Bonecas, ele cita versões mais antigas, mas acho que estão na seção restrita da biblioteca

do Sonhar.

O texto em inglês peguei na internet e a tradução é do Google com revisão minha, deve ter mais erros que os dedos das minhas duas mãos.

Em tempo: "**bzou**" é um termo em inglês antigo que significa lobisomem, traduzi dessa forma. "**Making cables**" é um eufemismo de defecar, improvisei.

mushi-san (20/06/2010)



Era uma vez uma mulher que tinha um pouco de pão, e ela disse para a filha: "Você vai levar um pão quente e uma garrafa de leite para sua avó.

A menina partiu. Na encruzilhada ela encontrou o lobisomem que lhe disse:

"Onde você vai?"

"Eu estou levando um pão quente e uma garrafa de leite para a minha avó."

"Qual caminho você está tomando", disse o lobisomem "a Estrada das Agulhas ou a Estrada dos Alfinetes?"

"A Estrada das Agulhas", disse a menina.

"Bem, vou pegar a Estrada dos Alfinetes".

A menina se divertiu pegando as agulhas. Enquanto isso o lobisomem chegou na casa da avó, matou-a, colocou um pouco de sua carne na despensa e uma garrafa de seu sangue na prateleira. A menina chegou e bateu na porta.

"Empurre a porta", disse o lobisomem, "está fechada com palha molhada."

"Olá minha avó, eu estou trazendo-lhe um pão quente e uma garrafa de leite."

"Ponha-os na despensa. Coma a carne que está nela e beba uma garrafa de vinho na prateleira."

Enquanto ela comia havia um pequeno gato que disse: "Putá é quem come a carne e bebe o sangue de sua avó!"

"Dispa-se, minha filha", disse o lobisomem, "e venha dormir ao meu lado."

"Onde devo colocar meu avental?"

"Jogue-o no fogo, minha filha, você não precisa mais dele."

"Onde eu deveria colocar o meu corpete?"

"Jogue-o no fogo, minha filha, você não precisa mais dele."

"Onde devo colocar o meu vestido?"

"Jogue-o no fogo, minha filha, você não precisa mais dele."

"Onde eu deveria colocar minha saia?"

"Jogue-a no fogo, minha filha, você não precisa mais dela."

"Onde eu deveria colocar minha meia-calça?"

"Jogue-a no fogo, minha filha, você não precisa mais dela."

"Oh, minha avó, como você é peluda!"

"É para me manter quente, minha filha"

"Oh, minha avó, que unhas compridas você tem!"

"É para me coçar melhor, minha filha."

"Oh, minha avó, que ombros grande que você tem!"

"É para transportar lenha da floresta melhor, minha filha."

"Oh, vovó, que orelhas grandes você tem!"

"É para ouvir com você melhor, minha filha."

"Oh, vovó, que boca grande você tem!"

"É para comer com você melhor, minha filha!"

"Oh, minha avó, eu preciso ir lá fora para me aliviar."

"Faz na cama, minha filha."

"Não, minha avó, eu quero ir lá fora."

"Tudo bem, mas não demore."

O lobisomem amarrou um fio de lã no pé dela e a deixou sair e, quando a menina estava fora, ela amarrou a ponta em uma grande ameixeira no quintal. O lobisomem ficou impaciente e disse:

"Você está soltando barro?"

Quando ele percebeu que ninguém respondia, pulou da cama e viu que a menina fugira. Ele a seguiu, mas essa chegou em casa justamente no momento em que ela estava segura lá dentro.

link para o texto original, em inglês:

http://www.sjsu.edu/faculty/harris/StudentProjects/Student_FairyTales/WebProject/Fairy%20Tales/The%20Story%20of%20Grandmother.htm

HTTP://LIVRO.MUSHI-SAN.COM



MUSHÍCES: MISTÉRIOS

DESAFIO MÃE

“VOLTE AQUI AGORA, MULEQUE!”

Ela deve estar louca! Nem que eu quisesse, e eu não quero, eu voltaria. Se eu voltar agora, morrerei de forma dolorosa e lenta, como naqueles filmes do cinema. Apesar do meu jeitinho fofo e inocente, não sou burro a ponto de cometer tamanho crime contra meu próprio bem-estar.

Tudo começou com uma dor de dente. Dessas que te fazem ter pesadelos com isso, sabe? Que te fazem ter certeza de que dentes são uma invenção do diabo contra a gente – ou de Deus, substituindo todas as pragas da bíblia em um úni-co conjunto de elementos dos quais você é tão dependente que não pode viver exatamente sem, mas também te causam problemas o bastante para você não querer viver com. Com a dor perdi o apetite.

“Temos que ver isso!” ela me disse, toda preocupada com minha situação – aquela preocupação típica de mãe para filho. Tentei gritar, espernear, chorar. Só não pedi ajuda para os amigos porque não tinha nenhum, mas a verdade é que odeio sair de casa, ainda mais se for para ir ao dentista.

Obviamente não tive escolha. Quem

conforto no caminho:

“Não há de ser nada, logo você estará como novo.”

O dentista olhou para mim e tirou mesmo essa perspectiva de esperança:

“Pelo visto a gengiva inflamou e formou um abscesso. Vamos ter que operar para drenar e talvez extrair o dente.”

EXTRAIR MEUS DENTINHOS. Quem disse que eu tenho idade para perder meus dentes? Pergunta se ele sugeriu algo como... dentadura, solução paliativa? Nada, era arrancar mesmo. Dane-se se eu curto umas coisinhas mais duras....

“Mas ele vai ficar bem, não é, doutor?”

“Acredito que sim. Só temos que limpar o abscesso direitinho e, quando o mesmo fechar, ele estará pronto para outra.”

“Limpar como?”

“Soro fisiológico com cotonete. Passa na ferida tentando tirar o máximo que puder de sujeira. Faz isso duas vezes por dia e em uns 10, 15 dias o abscesso estará fechado.”

“E não vai doer?”

“Não.”

NÃO VAI DOER NELE, NÉ? Experimenta cutucar sua ferida **TODO DIA, DUAS VEZES POR DIA.** E os 10, 15 dias viram 2 meses e eu não quero mais brincar disso...

“**VOLTA AQUI QUE EU TENHO QUE FAZER A LIMPEZA ANTES DE IR TRABALHAR.**”

Vai trabalhar e me deixa. Eu vou ficar aqui escondido e não vou me importar se não limpamos o abscesso só agora, depois de perder meus dentinhos nem está doendo tanto...

“Te achei!”

Droga... pra onde corro? Pra onde corro? Atrás da mesa do computador? Debaixo da pia! Cruzo a casa... Cama! Ai, burro, na cama ela sempre me pega.... **SOCORROOOO....**



“Para bobão. Eu sei que dói. Eu sei que incomoda. Mas é pra você ficar melhor e se recuperar de vez...”

Ela... está chorando? Tá, eu fico quieto. Limpa. Vai...

“Pronto, acabou...”

Ela me abraça e me dá um beijinho.

“Vamos voltar pra gaiola.”

Volto. Menos uma limpeza. Nem doeu tanto dessa vez. E... mãe, faz carinho, já que estou lindo aqui na gaiola?

“Mas esse meu chinchila é safento...”

E você me ama mesmo assim, mãe. Então mostre isso até a próxima limpeza. Porque amanhã terá outra, e você tentará me pegar, e eu vou tentar fugir. Mas nosso amor um pelo outro continuará igual.... Agora faz carinho aqui na barriga... isso....

por aLIENE bELIEVE



Eibl foi o meu bobão mor.

O meu safento. O primeiro e único.

Ele me ensinou a ser mãe de chinchila, a ser adulta de verdade. Eu tinha saído de casa quando fiz 30 anos – algo em torno de 1 semana depois do meu aniversário, mais especificamente. Pouco antes de completar um ano desse “novo desafio”, conheci mushi e ela me apareceu com um papinho de que tinha um gatinho de olhos azuis lindo que tinha aparecido na casa dela.

Não, ela não queria que eu adotasse, ela achava loucura eu adotar um bicho, mas eu sou louca, né. A lombriga falou mais alto e em 24 de fevereiro de 2015 chegava no muquifo 1 aquele que não deixaria as coisas de pernas pro ar pois sua especialidade era roer, não derrubar. Aliás: ele foi parte de uma das capas do nosso zine, mais especificamente o 3, e, depois disso, nosso logo nunca mais foi o mesmo (sim, o logo foi roído por ele). E, eu digo: a gente só descobre que é gente grande quando tem outro ser vivo pra cuidar.

E só descobre MESMO o que é ter outro ser vivo pra cuidar quando ele fica doente. Eibl infelizmente foi um bobão que não teve sorte com a saúde e viveu pouco. Essa história narra a primeira de suas doenças, da qual ele conseguiu se recuperar, mas que deixou sequelas que trariam problemas futuros e constantes, dos quais ele não se recuperaria. Mas ainda assim, foi um grande prazer ser a humana desse chinchila bobão, safento e cheio de personalidade.

Cá estou eu lendo um livro. Ok, não estou lendo nesse momento, estou escrevendo esse texto, mas vamos fazer de conta que eu estivesse lendo. O livro vai descrever coisas. Com algumas dessas coisas, eu vou me identificar. Com outras, nem tanto.

Acho que é super gostoso se identificar com um personagem, com um lugar, com uma situação. Você se vê naquela cena, naquela história, e pensa com a cabeça do personagem porque, no fim, ela é a sua cabeça também. Dá aquele quentinho no coração se sentir representado – e é por isso que é tão importante existirem textos com personagem de diversas origens, raças, crenças, orientações sexuais, gênero. “Riquezas são diferenças”, como diz na música dos Titãs, e é sobre isso.


Mas daí você não se identifica, e aí? O que faz?

Existem dois tipos de não identificação. O primeiro é quando não sou o que está sendo representado. Vou citar um exemplo particular: tenho, nos últimos tempos, me “obrigado” (entre aspas porque está sendo mais um prazer do que uma obrigação) a ler textos de outras culturas. Os principais (por uma mera questão de eu ter encontrado grupos de leitura que estimulam essas leituras, berrem se quiserem referências!) são textos de autores africanos e coreanos. Eu não sou africana e não sou coreana. Tem coisas que ocorrem nesses livros que eu super entendo pois, bem, somos todos humanos e o mundo está globalizado o bastante pra certas coisas serem comuns entre diferentes culturas. Mas quando eu li Fique Comigo, de Ayobami Adebayo, eu tomei diversos tapas na cara sobre o que é ser uma mulher com uma pressão descomunal para ter filhos e cujo marido foi induzido pela família a arranjar outra esposa. Eu nem quero ter filhos, nem sou casada (morar junto não é casar, u.u) e



Se
ident
ou
não
ident
eís a
questão
(parte 1)

por Aliene
Believe



nunca isso vai ser uma pressão além de uma encheção de saco pela zoeira nos jantares de família. E quando eu li *A Espera*, de Keum Suk Gendry-Kim eu tomei tapas na cara sobre como o imperialismo pode ferrar com famílias inteiras simplesmente porque decidiram dividir um país em dois e sua família calhou de estar em partes diferentes dessa divisão. Na minha cabeça, nunca passaria pela cabeça

ifícar

se

ifícar

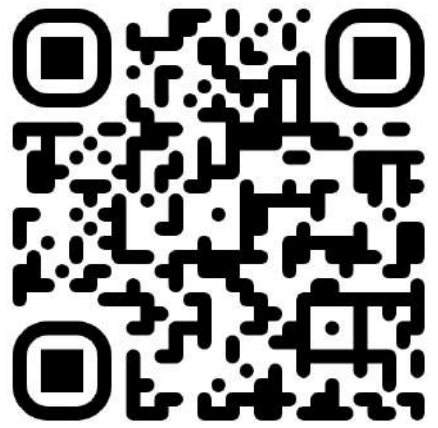
imaginar como seria a vida se, um dia, uma decisão aleatória de um governo exterior me fizesse não poder nunca mais visitar meus pais, amigos, filhos, companheiros, irmãos....

Nos dois exemplos, são culturas diferentes, com experiências diferentes, com as quais não me identifico pois, bem, não são a minha cultura. Posso, por empatia, entender o que eles passam e aprender, lendo, como eles se sentem – e daí aquela experiência passa a ser um pouco minha também. Esse é um grande barato da literatura ou de outras formas de se contar histórias: você conhecer vivências que podem ou não ser parecidas com as suas. Se forem parecidas com a sua, você terá contato com outros pontos de vista que não o seu. Se não forem parecidas, você passa a conhecer e cresce! E assim eu não preciso ser uma pessoa cujo marido quer arranjar outra esposa ou cuja família foi separada após a divisão do seu país para entender um pouco como elas se sentem. Imagine se eu precisar ser um homem pra sempre entender como um homem se sente. Precisar ser índio para entender como um índio é. Precisar me formar em medicina para saber como é a vida agitada de um médico de plantão. Eu não preciso ser nenhuma dessas coisas para conhecer melhor como elas são e entender um pouco – mesmo que não plenamente – como eles se sentem, agem, comportam, etc. Mas daí vem o segundo tipo de não identificação: quando eu SOU o grupo representado. Vamos falar dessa no próximo fanzine 8)

visitem nosso site:
sinequanon.mushi-san.com

Pixuquinho

o editorial é nosso e chamamos ele do que a gente quiser



(a gente já fazia QR code antes de ser modinha!!)

Hei! Nós estamos de volta! Bem vindos de volta de novo!

Estou dizendo como se não tivéssemos voltado antes, mas cada SQN que lançamos pós-pandemia parece uma nova vitória ao caos que vivemos.

Engraçado que vivemos é presente e pretérito perfeito e eu só pensei nisso agora e fez um sentido danado. Nos salvamos da COVID (ou não: quem não morreu na pandemia está sequelado – e se não está, deve se considerar um privilegiado ou está mais sequelado do que pensa), mas estamos enfrentando um “novo normal” que consegue ser tão pior quanto o anterior. E no meio disso

vem guerra, a intolerância e desastres climáticos. Impossível não pensar que enquanto lembrávamos do nosso saudoso reencontro com os eventos ano passado, na Odisseia de Literatura Fantástica, em Porto Alegre e elaborávamos esse zine, as notícias das enchentes no Rio Grande do Sul trouxeram a amarga lembrança de que cada zine é uma vitória sobre uma realidade em que existem máquinas poderosas que possuem muito dinheiro e que só estão pensando em fazer mais dele, não importa à custa de que. Ver alagados nas fotos dos jornais os lugares onde andamos com pessoas queridas, que conhecemos graças à literatura, que estavam com SQNs que haviam acabado de ganhar, é triste, mas nos reforça: façamos boa arte. É a arte que nos fará HUMANOS. É a arte que nos fará SONHAR e ter ESPERANÇAS em dias sombrios, quando tudo parecer estar errado, quando as mortes vierem, quando as guerras e as intolerâncias e as catástrofes vierem. O humorista Paulo Gustavo disse que rir é um ato de resistência e eu vou além: fazer arte é um ato de resistência. E não há nada mais HUMANO do

que fazer arte. E não há nada mais Sine Qua Non que uma boa arte 8)

Site: www.euquedissee.net

E-mail: a_believe@euquedissee.net

Bluesky: [alienebelieve.bsky.social](https://bsky.social/profile/alienebelieve)

Site: www.mushi-san.com

E-mail: mushisan@yahoo.com

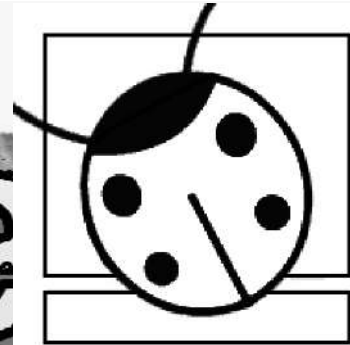
Bluesky: [mushisan.bsky.social](https://bsky.social/profile/mushisan)

Em tempo: A capa foi baseada numa fala que sempre ouvimos quando entregamos um zine para alguém que já recebeu muitos (ou recebeu mais de um num período curto): “Eu já tenho esse.”. Pensamos nela antes da pandemia, mas ela adiou planos, sonhos e lançamentos. No caso, o lançamento dessa capa, que não faria sentido quando houve um delay tão grande entre os lançamentos. E a gente guardou essa capa para quando ela fosse fazer sentido, pois os dias difíceis dariam uma “trégua” e a gente voltaria a conseguir sonhar.

PS: esse zine também é de graça. OU não, porque a gente pagou pra imprimir. Mas isso é problema nosso, não de vocês Xp



Quando mais jovem, foi coroinha e até mastigou hóstia



Foi recentemente expulsa de um grupo de leitura da Bíblia no telegram

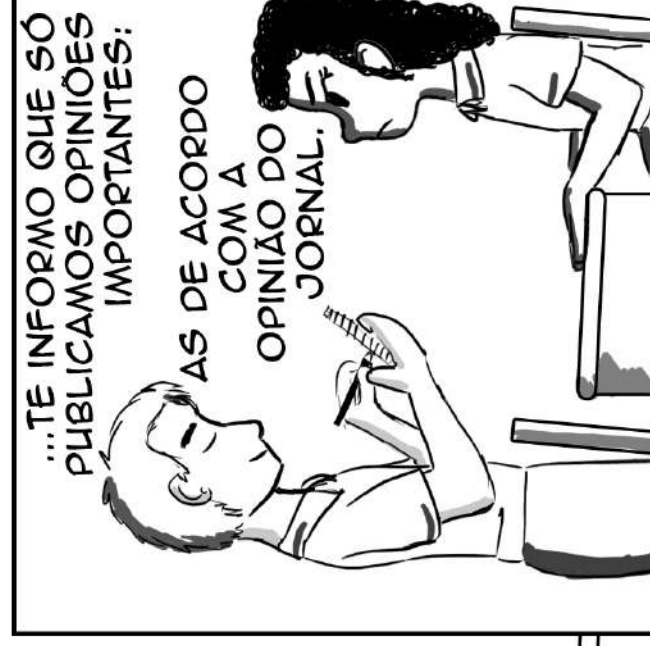
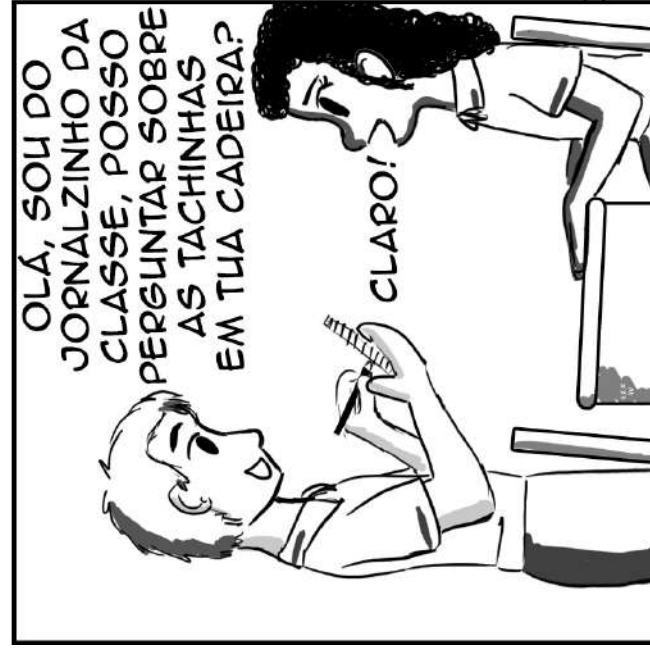
Participou nessa edição:

Heitor V. Serpa: Autor brasileiro independente de fantasia. Escreveu "Aleros", "Vitória no Inferno" (finalista do Prêmio Odisséia de Literatura Fantástica 2022), dentre outros. Além de participar em zines, antologias e fazer roteiros de HQs, dá aulas, faz traduções, joga videogame e agarra felinos nas horas vagas.

Site: <https://linktr.ee/terrasheitorianas>



MUSHÍCES: NADA CONTRA VOCÊ, MAS...



Retroalimentação

Heitor V. Serpa

– Tinniot, tem certeza de que isso é necessário? Tem de terminar assim?

Senti um nó na garganta diante da pergunta. A criança jazia de pé entre nós dois, estática no meio do quarto. Os olhinhos azuis fitando o nada, vazios como os de um fantasma.

– Não me resta outra escolha... Você ainda pode fugir, Gem. Conte para todos da atrocidade de nossos iguais, e como tudo isso foi vingado.

Eu então me aproximei do rebento, fechando a mão sobre seu rosto. Sempre me surpreendia com o tamanho diminuto desses humanos, apesar de todas as vezes em que executei o ritual. Entoei as palavras corretas e, ao sentir um torpor tomando conta daquele braço, esmaguei o crânio do miúdo como se faz com um tomate. O sangue que deveria explodir numa erupção fluiu todo para cima, parecendo ser tragado por canudos invisíveis, até se compactar numa esfera não muito grande. Precisei de um esforço enorme para contê-la, pois pulsava, projetava tentáculos para toda a parte. Gem teve de me ajudar.

Colocamos a essência do jovem no detonador. Foi aí que suspirei: agora tinha a certeza de que seria a última vida desperdiçada após milênios de opressão.

Algumas micro-frações de tempo

havam se passado desde que Gem partira. Eu agora estava sozinho, perambulando insuspeito pelos corredores de vidro. Vidro... Como era estranho chamá-los assim. O verdadeiro material possuía um nome mais complicado, mas eu ouvi este termo do primeiro humano que conheci, justo aquele que sacrifiquei em prol de uma galáxia alheia a nossa existência. Depois dele vieram outros, e mais outros, num ciclo eterno e imperdoável.

Este foi o último, tive de repetir em pensamento. Para todo o sempre.

Através do “vidro”, via-se o fruto do trabalho de minha raça: uma entidade ígnea e revolta que explodia infinitas reações dentro de si. Fogo derretido na sua forma mais pura, majestosa. Calor que atravessava o vazio e dava uma chance para a vida através dos planetas... Não é errado dizer que moro no coração do próprio Sol, mas os meus semelhantes vêm da forma inversa: aprenderam a fazer esta casca flamejante como uma forma de defesa, e para mantê-la precisam de almas.

Isso mesmo, almas. De preferência as mais intocadas, capazes de gerar mais energia por um período de tempo maior.

Através das gerações eles perambulam pelos planetas, invisíveis aos olhos comuns, e sob o pretexto da morte trazem os ingredientes necessários para alimentar o gerador. Todos os alvos chegam num torpor, proveniente do contato com a substância da qual somos feitos, mas não é raro que alguns consigam despertar. Esses são os primeiros a



ter o encéfalo esmagado, justamente como aconteceu na minha primeira extração.

Quanta ironia: nós criamos a fonte de toda a vida, apenas para nos alimentarmos dela sob um pretexto egoísta. Disseram-me, quando apresentei os primeiros sinais de revolta, que o homem fazia o mesmo, através do cultivo de plantas e até mesmo de gado. Gado, como eles eram o nosso! O universo é uma espiral de morte! E nossa raça, a beira da extinção, encontrou nos sóis a única maneira de se proteger em fortalezas impenetráveis. Eu não suporto ter este peso nefasto em minhas mãos; arrisco dizer que nenhum dos presentes agüenta a sobrevida na clausura, rompida apenas durante as incursões em busca do rebanho. Nunca nos acostumaríamos... Talvez por isso Gem tenha encoberto meu projeto, ajudando-me inclusive com a alma certa para alimentar o detonador. No fundo ele é como eu, visto que todos somos um. Aí está a segunda justificativa plausível para não ter encontrado ninguém para me impedir. Queriam o fim de um tormento arrastado pela eternidade, apenas não tinham a coragem de atentar contra a própria existência depois de tanta luta. Se precisavam de alguém para culpar em seu lugar, que assim fosse! Que Gem relatasse meu atentado por todo o universo! Logo haveria outros como eu, e esse legado sedento por sangue inocente logo teria seu fim.

Finalmente, na sala do gerador. O núcleo do Sol brilhava, sustentado por milhões de fios, feito do mesmo "vidro" que o restante da casa. Uma piscina rubra jazia em seu interior.

– A última vez...

Após séculos planejando, nada tinha a temer, nenhuma culpa a me assolar. O detonador produziu suaves ondas ao mergulhar, seguido por diversas bolhas. Então veio a explosão e com ela uma luz terrível, pois eu, Tinniot, descobri uma forma de fazer o Sol se alimentar sozinho, sem o sacrifício de mais ninguém. Apenas o da minha raça maldita, que agora derrete sob a invasão do magma.

FIM

[HTTP://LIVRO.MUSHI-SAN.COM](http://livro.mushi-san.com)

MUSHÍCES: DIGNIDADE



Este fanzine é

GRATUITO!

Gostou dele?

mande e-mail para mushisan@yahoo.com

ou visite

<http://sinequanon.mushi-san.com>

e descubra como conseguir as edições anteriores :D



E, que tal assinar nossa newsletter?

Você receberá em seu e-mail tirinhas, links, páginas de quadrinhos e todas as besteiras que resolvemos escrever =D

<http://quadr.in/news>

(PSSST: MAS, SE MESMO ASSIM QUISER AJUDAR A PAGAR OS CUSTOS QUE TIVEMOS FAZENDO ESSE ZINE, ACEITAMOS PIX :P)



OU NOS APOIAR MENSALMENTE NO CATARSE, A PARTIR DE R\$ 5 POR MÊS^^

CATARSE.ME/MUSHISAN